

I

Terra ao vento, violino
Vibra amena melopeia;
São cordas, à beira-rio,
Salgueiros entrelaçados.

Melodia, beira-ria
Por onde o Amor vagueia,
Toucado em folhas de luto,
Flor no manto desmaiada.

Com brandura tudo soa,
A frente ao som inclinada,
E deambulam os dedos
Quem sabe em qual instrumento.

II

Em tons de ametista, o poente
Aos poucos se afunda em azul,
E lívido, e glauco, um fulgor
Os ramos reveste na rua.

Piano antigo, canção lenta
Festiva ressoa e tranquila;
Nas pálidas teclas, curvada,
A mulher inclina a cabeça.

Tem grave olhar, pensar esquivo,
Errantes mãos, como lhe apraz —
Profundo, em azul, o poente
Tem tons de ametista e clarões.

III

À hora do repouso universal,
Celeste sentinela solitária,
Na noite, ouves acaso a ventania,
Qual harpa que suspira, ao Amor roga
Que lhe descerre as portas da alvorada?

E quando tudo dorme, ficas tu
Apenas, vigilando o grácil canto
Das harpas ao Amor que se anuncia,
E as nocturnas antífonas do vento
Até, inteira, a noite se extinguir?

Harpas ocultas, ao Amor cantai,
Que tem nos céus caminho de esplendor;
À hora da luz frouxa, cintilante,
Ressoam, tal e qual como na terra,
Nas alturas suaves melodias.

IV

Ao reluzir no céu a estrela esquiva,
Ainda virginal, insaciada,
Escuta, no torpor que te rodeia,
Alguém em serenata à tua porta.
Suave canto, mais que leve orvalho,
Foi ele que te quis vir visitar.

Não mais em devaneio te debruces,
Quando ele assomar ao sol poente,
Não cismes: quem será esse cantor,
Que com tal voz me cinge o coração?
Nesse canto de amor aprenderás
Que esse teu visitante sou só eu.

V

Vem debruçar-te à janela,
Ó meu cabelo cor de oiro;
O teu cantar já escutei,
Leda canção é a tua.

Trago o livro já fechado,
A leitura suspendi,
E miro o fogo, a bailar
Nas tábuas do meu sobrado.

De lado deixei meu livro,
O meu quarto abandonei,
Ao escutar o teu cantar
Tão de mágoa trespassado,

Cantas, cantas sem descanso
E é leda a tua canção
Vem debruçar-te à janela,
Cor do cabelo, oiro meu.